

# Intervenções no Complexo do Alemão sob a ótica da mídia impressa

**Fernanda Fonseca da Cunha**

*Major da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, Especialista em Segurança e Cidadania pelo CESeC/UCAM e aluna da Especialização em Sociologia Urbana da UERJ.*

## Resumo

O artigo busca retratar a cobertura dos principais jornais fluminenses sobre a operação realizada no Complexo do Alemão no ano de 2010. O assunto alcançou grande repercussão midiática, não só por ser tratar de um local de difícil acesso e de alta densidade populacional, considerado um *bunker* pelo tráfico de drogas, mas também pela associação a outros fatos, tais como o histórico de outra grande operação, no ano de 2007, quando, entre suspeitos e inocentes, ocorreram 19 mortes. Isto em meio ao sucesso da política de pacificação, que estava sendo implantada em várias comunidades cariocas a partir de operações policiais cujo principal foco era a preservação da vida. Foi realizada a análise de conteúdo de 60 reportagens dos jornais O Globo, O Dia e Extra, apresentadas em gráficos que refletem a transferência de sentimentos positivos, negativos, as reações da população local, e o necessário antagonismo entre os atores sociais diretamente envolvidos nos fatos. O jornal O Globo domina todos os quesitos enumerados, embora suas reportagens sejam de página inteira, necessitando de mais recursos linguísticos que justifiquem a atenção do leitor. O Dia e Extra mantêm um formato tablóide, com alto número de imagens, repletos de textos ilustrativos e frases de efeito. É tangível o papel da imprensa na busca do anormal, transmitindo uma realidade construída e apresentada por meio de narrativas de guerra e paz. Atualmente, nas democracias, a imprensa é a principal reprodutora de representações sociais, atuando como mediadora entre o acontecimento, a explícita seleção e construção do que é publicável e a opinião pública em geral.

## Palavras-Chave

Mídia, segurança pública, Complexo do Alemão, representações sociais.

## Introdução

Os fatos ocorridos no ano de 2010 envolvendo o Complexo do Alemão ganharam especial atenção da mídia e, por consequência, da sociedade, a partir de eventos criminosos ocorridos no mês de novembro, os quais foram determinantes para a ocupação da área, devido à extensão e ao poderio bélico do tráfico drogas. Tal área era considerada um dos locais de maior dificuldade de acesso para a polícia. O processo de ocupação ganhou visibilidade nacional e internacional, sinalizando que a partir daquele momento o Estado havia retomado definitivamente aquele espaço.

O artigo visa à abordagem da relação entre mídia e segurança pública, por meio do estudo de reportagens de jornais fluminenses, especificamente a cobertura jornalística das ações de retomada e ocupação efetuada pelas agências policiais estatais, no ano de 2010, no Complexo do Alemão, focalizando como foram retratadas as ações do poder público pela ótica e avaliação dos jornais, os quais têm dedicado amplo espaço para assuntos ligados à segurança pública.

Considerando as mídias como as principais produtoras de representação social, Porto (2008) afirma que nas democracias modernas, independente de seu conteúdo, falso ou verdadeiro, elas se tornaram orientadoras da conduta de atores sociais. Sendo responsável, muitas vezes, pela única versão dos fatos para a maior parte da sociedade, o setor ocupa lugar determinante na formação e no armazenamento de nossa memória social.

Nesse mesmo raciocínio, Ramos e Paiva (2007) atribuem papel decisivo aos meios de comunicação no agendamento de políticas públicas, afirmando que, na maioria das vezes, parte da imprensa a priorização de investigação de determinados crimes, mobilizando ações de governos, da justiça e da sociedade civil.

## Metodologia

A investigação foi de natureza qualitativa, pois, segundo Minayo (1993, apud PAULILO, 1999:135), este é o meio pelo qual se estudam valores, hábitos, atitudes, crenças, opiniões e representações, adequando-se ao aprofundamento e complexidade de fatos, processos específicos a grupos e indivíduos, dedicando-se à compreensão de fenômenos com alto grau de complexidade interna.

Para Ander-Egg (1978, apud MARCONI & LAKATOS, 2002:18), a pesquisa qualitativa está incluída no campo da pesquisa social e abrange organizações e instituições sociais, englobando áreas de cooperação e conflito, além de questões sociais e variedades das relações humanas. Ainda, aqui foi utilizada a pesquisa descritiva pelo fato de abordar algo que está acontecendo, que é atual e ocorre em um determinado espaço de tempo.

Foram utilizadas 20 reportagens de cada veículo escolhido, totalizando 60 publicações, advindas de arquivo próprio e do *site* Clipping na Web. Os jornais escolhidos foram O Globo, que, segundo Instituto Marplan (2008, apud PREVEDELLO, 2008), é o preferido pelos leitores de maior escolaridade e poder econômico, além de O Dia e Extra, concorrentes diretos do gosto popular. Em sua totalidade, esses veículos possuem tiragem semanal superior a 112.000 exemplares, estando entre os 17 mais lidos do país, segundo o Instituto Verificador de Comunicação – IVC 2006/2007 (2008, apud PREVEDELLO, 2008).

A seleção, para Mello (1985, apud BONINI, 2003) foi feita com base na escolha do gênero informativo e interpretativo: notícias e reportagens apenas, não sendo utilizadas, portanto, imagens, entrevistas ou colunas de opinião (editorial, artigo, crônica, opinião do leitor), já que o objetivo em pauta é como a mídia, personificada pelos jornalistas envolvidos na produção dos jornais, na veiculação diária dos fatos, projetaram o ocorrido na ocasião, não interessando, portanto, opiniões conceituais ou de terceiros em entrevistas – publicadas na íntegra – ou cartas. Dentro deste universo, foram escolhidas reportagens aleatórias. O período analisado foi de 15 dias, do dia 21 de novembro ao dia 05 de dezembro de 2010, tendo como data central o dia 28 de novembro, dia de maior mobilização das forças estatais para a ocupação do Complexo do Alemão e, por conseguinte, o auge da cobertura jornalística.

Na composição da pesquisa, efetuou-se a análise de conteúdo, método largamente difundido por Bardin (2011), no qual se relaciona a superfície dos textos, o conteúdo e sua expressão, buscando indicadores que nos permitam inferir uma outra realidade que não a da mensagem, aprofundando sua interpretação. Foi utilizada análise categorial, que consiste no agrupamento de unidades de registro (palavras), conforme equivalências e significações.

## Desenvolvimento

Porto (2008) defende que as mídias, nas democracias contemporâneas, se constituem como um dos principais produtores de representação social. Têm função pragmática na orientação dos atores sociais, independente de conteúdo falso ou verdadeiro, fazendo sentido argumentar em favor da relevância do tema para formação de políticas na área não por serem sinônimos de representação da verdade, mas por constituírem veículos privilegiados de crenças, valores e anseios de distintos setores da sociedade.

Serge Moscovici<sup>1</sup> define alguns conceitos a respeito do tema (1961, apud OLIVEIRA, 2004:181). Entre a realidade e o que a sociedade acredita ser, as representações sociais são um intermediário de peso. E, por sua vez, não são as mesmas para todos os componentes da sociedade, dependem tanto do conhecimento do senso comum (popular) como do contexto sociocultural em que seus membros estão inseridos. O processo

*1 – Romeno naturalizado francês, é dono de obras consideráveis sobre a teoria das representações sociais e resgatou o conceito de representações coletivas de Émile Durkheim (OLIVEIRA, 2004).*

de representação tem uma sequência lógica diante de novos objetos e novas situações, na qual os indivíduos tendem a associar imagens reais, concretas e compreensíveis retiradas de seu cotidiano aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com as quais têm de lidar. É em função de representações e não necessariamente da realidade que se movem indivíduos e coletividades.

Em meio à infinidade de fatos ocorridos no dia a dia, é razoável pensar sobre critérios de noticiabilidade. Silva (2005) explica a necessidade de estratificação para a escolha do noticiável, no qual, muitas vezes, há confusão entre os critérios de seleção: diferenças entre a ação de cada profissional e o tratamento oriundo da redação frente aos valores-notícia.

Para Fagen (1971), os sistemas políticos desenvolvem redes características para manipular as comunicações de importância política. Em todo sistema existe não apenas uma, mas muitas redes, e suas ativações dependem, em parte, do assunto com o qual o sistema está preocupado. Um aspecto disso é que modos característicos da informação podem ser alterados ou abandonados sob o impacto de acontecimentos fora do comum, que serão assim hierarquizados por fazerem pressão contra os limites impostos pela geografia, economia, estrutura social e formato político.

Nesse contexto, Ramos e Paiva (2007) destacam a grande participação de assuntos ligados à violência no cotidiano do noticiário, principalmente no estado do Rio de Janeiro. Em pesquisa realizada pelas autoras sobre jornais da Região Sudeste, foram analisados 2.514 textos, dos quais 48,2% do total tratavam de assuntos relativos à criminalidade fluminense. Inclusos nesse somatório estavam jornais de São Paulo e Minas Gerais, os quais, por sua vez, empenharam grande parte de suas páginas com a violência do Rio de Janeiro, o que não se repetia inversamente. Ao comparar o conteúdo das reportagens em periódicos de grande circulação em escala nacional, tais como O Globo (Rio de Janeiro), A Folha de São Paulo (São Paulo) e o Hoje em Dia (Minas Gerais), foi constatado que o primeiro dedica-se de forma clara e contundente à cobertura do gênero violência e segurança pública, diferentemente dos outros citados.

O estudo apresenta, ainda, o papel da imprensa no agendamento de políticas públicas, citando alguns momentos históricos em que a cobertura jornalística fora fundamental para que autoridades e governantes tomassem posturas decisivas a favor dos menos abastados, citando os casos das chacinas da Candelária, de Vigário Geral e do Carandiru. Tal fato foi repetido na operação do Complexo do Alemão, no ano de 2010, reafirmando a impressão de que as grandes mudanças no Estado ocorrem em resposta a um fato de repercussão ou para atender a algum interesse específico. No caso em questão, uma série de incêndios e arrastões disseminados pela cidade, com cobertura em massa da mídia, exerceram grande pressão de resposta por parte do poder público.

Em contrapartida, Batista (2011) atribuiu à mídia o papel de *colonizadora das almas*, fazendo com que a população aja com naturalidade e aplausos

à militarização e à truculência das forças de segurança, numa adesão subjetiva à barbárie. O autor defende que, atualmente, com a política de pacificação, os órgãos de imprensa carioca investem na policização da vida em uma mistura de interesses públicos e privados, na qual a segurança pública tem ocupado o centro das discussões, ao invés de educação, saúde, saneamento e cultura.

O autor denota a tendência à espetacularização das operações, que, em termos jornalísticos, incluem ótimos componentes para a notícia, tais como impacto, grande presença de policiais, comunidades acuadas, tiros, tensões, mortos e feridos. Ramos e Paiva (2007) alertam que a ênfase dos jornais a assuntos ligados a ocorrências policiais e conflitos armados valorizam soluções bélicas para o assunto, colaborando para manter coberturas monotemáticas. Destacam, ainda, a importância da pluralidade da cobertura refletindo as vivências, a cultura e o comportamento dos moradores das comunidades.

### **Cobertura jornalística na ocupação do Complexo do Alemão no ano de 2010**

Antes de tratar diretamente da ocupação ocorrida no ano de 2010, é de suma importância lembrar a ocupação ocorrida no mesmo local no ano de 2007, quando, após um período de ocupação e de várias operações realizadas pelas polícias Militar e Civil, com apoio da Força Nacional, foi realizada uma grande investida no dia 28 de junho, quando foram apreendidas armas e drogas. No entanto, um policial foi ferido e 19 pessoas morreram. Houve, ainda, 12 vítimas de disparo de arma de fogo, sendo cinco inocentes e sete suspeitos de tráfico de drogas<sup>2</sup>. O fato teve uma grande repercussão negativa na imprensa motivada pelo planejamento das operações. Naquele mesmo ano, houve duras críticas no Relatório da Anistia Internacional (2007) quanto à ineficácia de políticas puramente repressivas, criticando o uso indiscriminado do veículo “caveirão”, de utilização das Forças Armadas, bem como as promessas políticas não cumpridas e a exclusão social como um todo no país.

Prosseguindo para o ano de 2010, o mês de novembro foi marcado por uma série de crimes cometidos em grupos, como a prática de arrastões (assaltos coletivos praticados ao mesmo tempo e por vários criminosos) e incêndio de veículos. As ações ocorreram em série, inclusive nas regiões mais nobres da cidade. Em pouco tempo, toda a cobertura jornalística dedicava-se à transmissão desses episódios, que se intensificavam com a mesma velocidade de sua repercussão.

Segundo os jornais analisados, os fatos ocorreram por articulação de criminosos presos, em retaliação ao avanço da política de pacificação desenvolvida na cidade. Após investigações, as autoridades declararam a necessidade de agir no reduto da facção criminosa, onde estariam

<sup>2</sup> - *Polícia invade Alemão e mata 19*.  
Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 28 jun.  
2007. p.1.

homiziados muitos traficantes oriundos de áreas com UPP (Unidades de Polícia Pacificadora), co-autores dos crimes em questão<sup>3</sup>. Todo efetivo policial foi mobilizado, empreendendo operações em vários locais da cidade. Os criminosos flagrados em práticas delituosas eram transferidos para presídios federais<sup>4</sup>.

No dia 25 de novembro, as forças policiais estatais, com o apoio de carros blindados da Marinha, ocuparam com sucesso a comunidade da Vila Cruzeiro<sup>5</sup>; e no dia 28 de novembro, em uma mega operação, transmitida ao vivo pela TV em rede nacional, aberta e fechada, todos assistiram a uma mobilização de equipamentos e efetivo das forças públicas de segurança, com apoio das Forças Armadas. Ao todo eram 2.600 homens atuando na retomada de território do Complexo do Alemão<sup>6</sup>.

Em comparação com outros momentos de conflito entre Estado e facções criminosas, fica clara uma mudança de estratégia, prontamente refletida nas publicações de cunho positivo. Embora nas operações anunciadas tenha ocorrido fuga de suspeitos<sup>7</sup> e as apreensões de arma de fogo e número de presos tenham sido considerados abaixo do esperado<sup>8</sup>, frente à dificuldade costumeira de acesso e o forte domínio exercido pelos traficantes no local<sup>9</sup> as ações não foram descredibilizadas junto às coberturas jornalísticas e à opinião pública em geral<sup>10</sup>. O grande êxito, segundo declarações das autoridades e órgãos de imprensa em geral, justifica-se por uma ação policial de grandes proporções, em uma comunidade populosa, arquitetada com o cunho de preservação do bem maior, a vida<sup>11</sup>. Não houve repercussão de mortos ou feridos inocentes durante as duas principais operações na localidade e alguns comentários ou declarações divulgadas na cobertura disseram respeito a “como ratos chegaram a tentar fugir pelos esgotos”<sup>12</sup>, “o melhor é que isto tudo está sendo feito com serenidade”<sup>13</sup>, ou ainda “Rio de alma lavada”<sup>14</sup>.

## Análise dos resultados

A análise da cobertura é bem dividida conforme o desenrolar dos acontecimentos. A partir do dia 21 de novembro, período em que se intensificaram incêndios e arrastões na cidade, as reportagens eram baseadas em pânico, terror, tragédia; entre os dias 25 e 28 de novembro, quando houve ação repressora e ocupação pelas forças de segurança, observa-se um cenário misto, dividido em alívio, esperança e entusiasmo, entre guerras e batalhas. Posteriormente, entre os dias 01 e 05 de dezembro, as notícias assumiram um conteúdo com vitória, heróis e paz. Passado o furor e o sortilégio de acontecimentos noticiáveis, iniciam-se notícias a respeito de reclamações, queixas e denúncias sobre as atividades policiais em andamento nos locais de ocupação.

Como característica principal de grandes coberturas ligadas à segurança pública, Nobre (2011) aponta o alto número de repórteres envolvidos e a

3 - *A ordem veio de longe*. *Jornal Extra*. Rio de Janeiro, 23 nov. 2010. p.3.

4 - *Oito traficantes a caminho de Rondonia*. *Jornal O Dia*. Rio de Janeiro, 24 nov. 2010. p.6.

5 - *A fortaleza era de papel*. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. p.1.

6 - *A senhora liberdade abriu as asas sobre nós*. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. p.1.

7 - *Imagens mostram fuga em massa*. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. p.3.

8 - SOARES, Ronaldo & LIMA, Roberta de Abreu. *Para onde foram os bandidos?* *Revista Veja*. Rio de Janeiro. nº49, p.140-143, 2010.

9 - *PM avança para ocupar o bunker do tráfico na Penha*. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. p.1.

10 - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Pesquisa sobre índice de Percepção da Presença do Estado*. Rio de Janeiro, 2010.

11 - *O Rio mostrou que é possível*. *Jornal O Globo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. p.1.

12 - *A senhora liberdade abriu as asas sobre nós*. *Jornal O Globo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. p.1.

13 - *A senhora liberdade abriu as asas sobre nós*. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. p.1.

14 - *Rio de alma lavada*. *Jornal Extra*. Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. p.1.

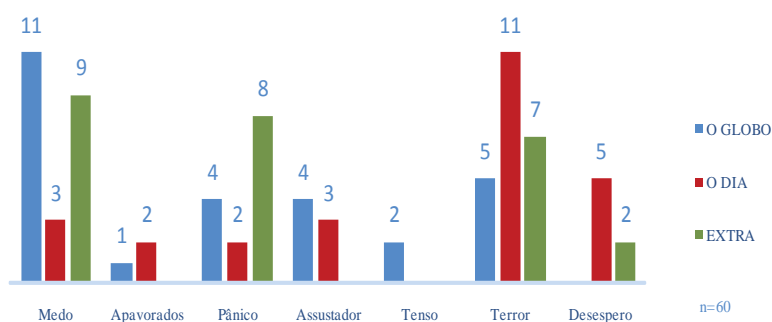


repercussão para diferentes setores da sociedade civil. Outro fato peculiar apontado seria a criação de cadernos especiais, fato ocorrido em cada um dos três jornais analisados: Jornal O Globo: “A Guerra do Rio”; Jornal O Dia: “Especial Contra-Ataque”/”Especial Reconquista” e Jornal Extra: “O Rio sob Ataque”/”Guerra do Rio”. Os dois últimos mudaram os títulos de acordo com a progressão dos fatos.

De acordo com o Gráfico 1, vemos a análise das reportagens quanto ao sentimento negativo transmitido em depoimentos ou notas, contido na descrição dos detalhes de depoimentos de vítimas ou de impressões do próprio repórter. Porto (2002) problematiza o tema, considerando o mergulho brasileiro na era da informação como mais agudo e radical em comparação com outros países desenvolvidos, atribuindo à simultaneidade entre o acontecimento e a informação a forma de poupar os indivíduos de seus contatos com o entorno, potencializando o encolhimento do mundo. Este mundo virtual construiria o real e através dele o espetáculo para os meios de massa. Como exemplo, a autora cita o fenômeno da violência, que passa a fazer parte do dia a dia daqueles que nunca a confrontaram como uma experiência de um processo vivido, passando a ser objeto de consumo, tendo para isso processos de produção, ainda que feitos sob forma de representação, multiplicando as categorias de percepção da violência.

No Jornal O Globo, o substantivo “medo” apresentou 11 ocorrências no total das 20 reportagens, não se configurando como uma constante, uma vez que a palavra se repetiu quatro vezes em um dos artigos. No Jornal O Dia, a palavra “terror” ou seus derivados, como “aterrorizar”, se fazem presentes em enunciados de grandes reportagens ou em citações no texto, como no título na capa do periódico “Terror sem trégua”<sup>15</sup> ou na citação em reportagens, “o enterro de Rosângela (...) foi marcado por momentos de terror”<sup>16</sup>. No Jornal Extra, além das altas frequências das palavras “medo” e “terror”, identifica-se também o alto índice da palavra “pânico”: “o medo era tanto que até uma campanha publicitária (...) causou pânico na Zona Sul”<sup>17</sup> ou “Boatos espalham pânico”<sup>18</sup>.

**Gráfico 1**  
**Sentimentos Negativos**



Fonte: Elaboração própria, 2011.

<sup>15</sup> – *Terror sem trégua: mais um carro queimado no Rio.* Jornal O Dia. Rio de Janeiro, 24 nov. 2010. p.4.

<sup>16</sup> – *Tiros durante enterro de menina.* Jornal O Dia. Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. p.13.

<sup>17</sup> – *O medo se espalha na cidade.* Jornal Extra. Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. p.2.

<sup>18</sup> – *Boatos espalham pânico.* Jornal Extra. Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. p.4.

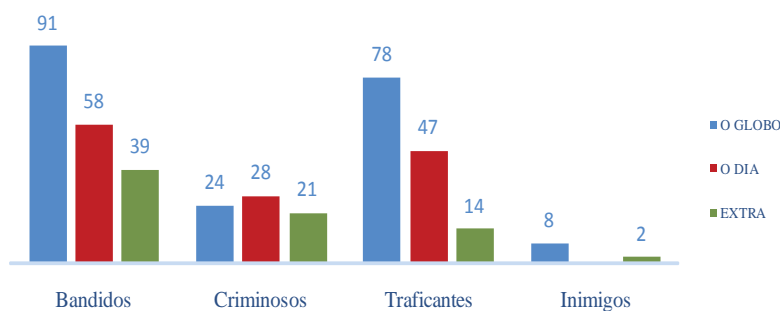
A seguir, no Gráfico 2, vemos que a referência ao sujeito detido ou envolvido em práticas delituosas frequentemente é feita por meio dos jargões “bandido” ou “traficante”. Destaca-se, no Jornal O Globo, a quantidade de ocorrências do termo “bandido” (91 vezes) dado o número de reportagens analisadas (20), o que denota grande quantidade de redundâncias. Em alguns trechos provenientes de uma da mesma reportagem<sup>19</sup>, o termo se repetia por 12 vezes. Como exemplo, citamos “(...) bandidos provocam pânico entre motoristas que passavam pela Linha Vermelha”, “na fuga, os bandidos depararam-se com um Doblô e atacaram a tiros” e “a busca pelos bandidos mobilizou um grupo de quinze homens”.

No Jornal O Dia, entre os jargões, “traficante” é o mais utilizado, 78 vezes em um universo de 20 reportagens, repetido até 11 vezes numa mesma nota.

Ainda, o vocábulo “inimigo” aparece na capa do Jornal Extra em duas ocasiões: “Os dois inimigos do Rio: bandidos x boatos”<sup>20</sup> e “O Alemão, gíria para apontar inimigo, era colo de mãe”<sup>21</sup>.

Porto (2002) classifica as representações sociais como orientadoras de conduta, uma busca de visão de mundo que procura explicar, dar sentido na constituição de fenômenos. Neste sentido, os meios funcionam como tribunais do júri, antecipando ou dando o tom de absolvição ou de condenação de um suspeito. Desta forma, é a relação entre o fenômeno e a representação social que se define como a obra-prima do fazer sociológico.

**Gráfico 2**  
**Detidos e Suspeitos**



Fonte: Elaboração própria, 2011.

No Gráfico 3 verifica-se o baixo percentual de queixas, denúncias e reclamações. A prevalência destas ocorrências pode ser vista entre o dia 30 de novembro e 05 de dezembro, data que incidiu na delimitação temporal da pesquisa. Ainda assim, o Jornal Extra noticiou em sua primeira página: “0,01% é o percentual de moradores do Alemão que acusam policiais”<sup>22</sup>.

19 – *Ataque incendiário*. Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 22 nov. 2010. p.10..

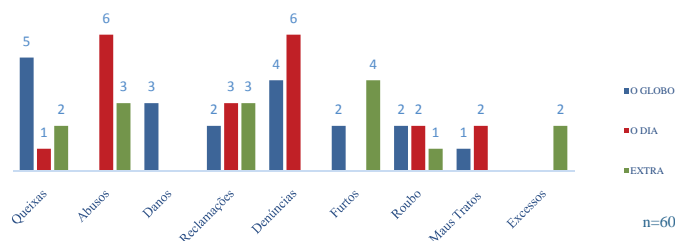
20 – *Os dois inimigos do Rio: bandidos x boatos*. Jornal Extra. Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. p.1.

21 – *Eles fogem de medo*. Jornal Extra. Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. p.3.

22 – *0,01% é o percentual de moradores do Alemão que acusam policiais*. Jornal Extra. Rio de Janeiro, 04 dez. 2010. p.1



**Gráfico 3**  
**Repercussões Negativas**

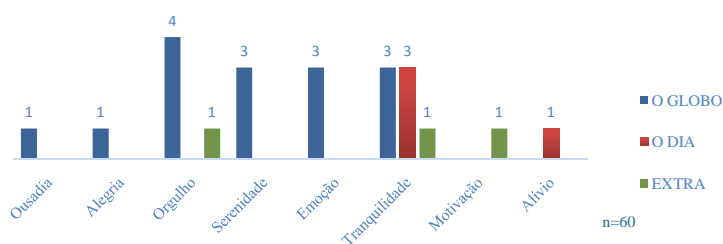


Fonte: Elaboração própria, 2011.

Como já descrito, a partir do dia 25 de novembro, com o início das principais operações, as coberturas jornalísticas mudaram sua característica e o que se viu foram reportagens de incentivo à ação policial e à militarização das ações e de demonstração de apoio ou da população, em testemunhos oriundos de redes sociais, ou dos mais variados personagens, como moradores, policiais, políticos e artistas.

Nesse cenário, o Gráfico 4 traduz a grande variedade de sentimentos quando todos os jornais atestaram a volta da tranquilidade às comunidades ocupadas.

**Gráfico 4**  
**Sentimentos Positivos**



Fonte: Elaboração própria, 2011.

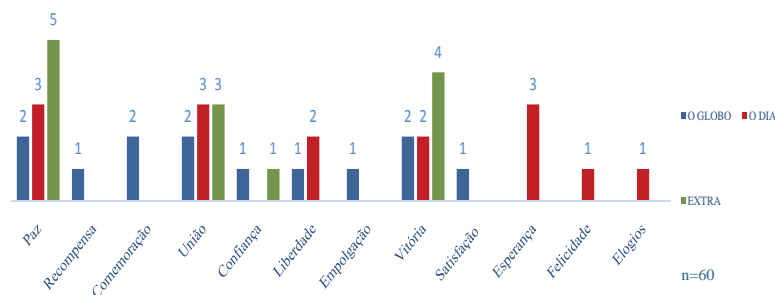
Embora não tenha sido explicitado em gráficos pelo baixo número de dados, é importante frisar que as reportagens descrevem o julgamento, o significado do feito e destacam a volta do controle do poder público sobre regiões antes dominadas pelo tráfico de drogas<sup>23</sup>. Nos 20 artigos analisados de cada jornal, todos citam em alguma reportagem as palavras “retomada” e “conquista do território”.

Diante da diversidade de adjetivos e substantivos, “vitória” é um termo constante, estampado na primeira página do Jornal O Globo: “Cidade comemora a libertação do Alemão e a maior vitória sobre o tráfico de drogas”<sup>24</sup>. Da mesma forma, “paz” e “união” estão presentes na narrativa de todos os periódicos, como descrito a seguir, no Gráfico 5.

<sup>23</sup> - *A reconquista*. Jornal O Dia. Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. p.1.

<sup>24</sup> - *O Rio mostrou que é possível*. Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. p.1.

**Gráfico 5**  
**Resultados Alcançados**

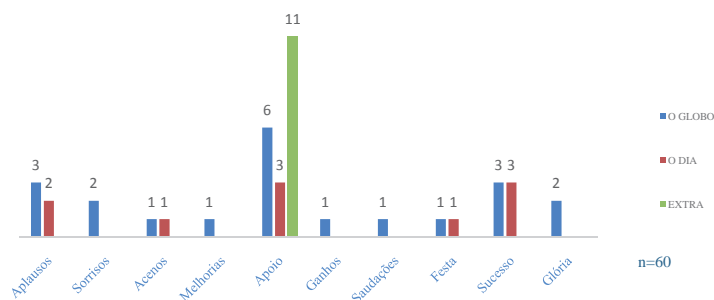


Fonte: Elaboração própria, 2011.

Chama a atenção o uso de vocativos aos militares. Enquanto no Jornal O Globo há menção a “guerreiros” (uma vez) e a “combatentes” (também uma vez), no Jornal Extra vemos “heróis” duas vezes, presentes no período das operações principais e nos dias seguintes. Um exemplo pode ser visto na lide do dia 30 de novembro, do Jornal Extra: “Cartas de amor para os guerreiros da paz”<sup>25</sup>

No Gráfico 6, entre as variadas reações provenientes da população, como expectativa de ganhos e melhorias para as comunidades, verificou-se a descrição de sorrisos, aplausos e acenos ao visualizar tropas e blindados a caminho das regiões envolvidas na ocupação: “Sob aplausos, Exército chega à área de conflito”<sup>26</sup>. Indistintamente, todos os meios impressos relataram o apoio da população às atividades desenvolvidas. Quanto a esse tipo de recurso de linguagem utilizado nos discursos, Grillo (2005) nos ensina que a colocação em cena de envolvidos nos acontecimentos narrados faz parte da duplicação do real, funcionando como testemunha autenticadora dos relatos jornalísticos.

**Gráfico 6**  
**Reações às ações**



Fonte: Elaboração própria, 2011.

25 – *Cartas de amor para os guerreiros da paz*. Jornal Extra. Rio de Janeiro, 30 nov. 2010. p.1.

26 – *Sob aplausos, Exército chega à área de conflito*. Jornal O Dia. Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. p.10.

## Conclusão

Diante da discussão sobre a imagem que a imprensa projeta em relação às forças de segurança, foi utilizada de forma proposital a ocupação ocorrida no Complexo de Alemão em 2010. Pela grandiosidade da cobertura jornalística, todos os jornais analisados (O Globo, O Dia e Extra) adotaram cadernos especiais, segundo os quais, em um período de um mês, era possível acompanhar as ações sob a ótica de um órgão que há muito tempo tem assumido papel de fiscalizador do Estado, atuando tanto na cobrança de respostas às demandas públicas como em outros casos, na execração do figurado em suas matérias.

Dos resultados apresentados, percebe-se que o Jornal O Globo, que apresenta comumente reportagens de página inteira, realiza o maior número de citações, tanto com conotações positivas quanto negativas, seguido pelos jornais O Dia e Extra, ambos em formato tablóide. As diferenças numéricas, que não são discrepantes, estão longe de ser uma característica abonadora, pois, pelas pequenas notas do Jornal O Dia constata-se excessos e redundâncias. Utilizando os recursos de comunicação não-verbal, através da imagem, o Jornal Extra demonstra baixo desempenho estatístico, retrato da precariedade de seus textos, que abusam de fotos e títulos ilustrativos.

Uma hipótese a ser discutida em futuros estudos seria a aparente mudança de estratégia nas ações desenvolvidas. É fato que o estado do Rio de Janeiro encontrava-se em meio à implementação do programa de polícia pacificadora, cuja essência não visa aos conflitos violentos e sim à ocupação territorial. Outrossim, a cobertura jornalística das operações era intensa e havia a sombra da repercussão das operações no Complexo do Alemão do ano de 2007, a qual questionava a razoabilidade de um “banho de sangue” transmitido em rede nacional. O fato é esclarecer se devido à grande cobertura jornalística não havia muitas opções a não ser a ocupação pacífica ou se a ocupação pacífica era uma prioridade do Estado no âmbito de suas políticas.

Por fim, é legítimo afirmar que a imprensa focaliza a cobertura de fatos de acordo com seus interesses, e que o Rio de Janeiro, por razões históricas, tem prioridade na cobertura do cenário nacional. Nesse retrato está inserida a política de segurança pública, e cabe a ela aproveitar e se valer desses bons momentos para repercutir o trabalho desenvolvido e arraigar o apoio da população, já que seu caminho, na atualidade, será acompanhado pela totalidade dos órgãos de imprensa e pela opinião pública em geral.

## Referências Bibliográficas

ANISTIA INTERNACIONAL. **Entre o ônibus em chamas e o caveirão**: em busca da segurança cidadã. Relatório Rio 2007. Disponível em <[http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Relatorio\\_Anistia\\_Violencia\\_RJ\\_2007.pdf](http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Relatorio_Anistia_Violencia_RJ_2007.pdf)>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, V. M. O Alemão é muito mais complexo. **Revista Justiça e Sistema Criminal**, v.3, p.103-125, 2011.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura na área de comunicação no Brasil. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v.4, p.205-231, jul-dez, 2008.

FAGEN, Richard R. **Política e Comunicação**. 1.ed.Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Pesquisa sobre índice de percepção da presença do Estado**. Rio de Janeiro, 2010.

GRILLO, S. Discurso Alheio: Apreensão e Polifonia. In: SILVA, Luiz Antônio (org.). **A língua que falamos**. São Paulo: Editora Globo, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

NOBRE, Carlos. **Direto do Front**: a cobertura jornalística de ações policiais em favelas do Rio de Janeiro. 1.ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

OLIVEIRA, Márcio. Representações Sociais e Sociedade: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira Ciências Sociais**, São Paulo, v.19, p.180-186, jun. 2004.

PAULILO, Maria. A pesquisa qualitativa e a história de vida. In: **Serviço Social em Revista**, Londrina, v.2, p.121-134, jul/dez. 1999.

PORTO, Maria Stela Grossi. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, n.8, p.152-171, jul/dez 2002.

PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. **Revista de Psicologia da USP**. São Paulo, v.21, n.2, p.211-223, 2008.

PREVEDELLO, Carine. **Representações no Jornalismo Popular**: a cidadania no discurso do jornal Extra. VI Encontro Nacional de Pesquisa em Jornalismo. São Paulo, nov. 2008.

RAMOS, Silvia & PAIVA, Ana Bela. **Mídia e violência**: tendências na cobertura da criminalidade e segurança no Brasil. 1.ed. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol.II, n.1, 2005.